

Teatro Espontâneo: quando o palco não é uma fronteira entre actores e plateia.¹

Spontaneous Theatre: When the stage does not set the frontier between actors and audience

Marisalva Fernandes Fávero²

UNIDEP – ISMAI

CIJE – FDUP

Jacob Levi Moreno desenvolveu no princípio do século passado, em Viena, um método terapêutico a que deu o nome de Psicodrama, embora não fosse esta a sua intenção inicial. Queria propor uma forma nova de fazer teatro, onde não houvesse fronteiras entre a audiência, os actores e os dramaturgos. Criou, então, o Teatro Espontâneo ou Teatro da Espontaneidade, no qual o público e o autor, que emerge da plateia, criam e dramatizam uma história. Em sintonia com os princípios essenciais do modelo proposto por Moreno, revisitaremos a sua proposta e a dos seus contemporâneos...sem deixar de reflectir sobre as capacidades transformadoras do método.

Jacob Levi Moreno developed, in the beginning of the past century a therapeutic method that he named Psychodrama. But this was not his original intention. He wanted to develop a new way of making theatre, he idealized a kind of theatre without frontier between audience, actors, and the author. The result was the Spontaneous Theatre or the Spontaneity Theatre in which the audience and the author, who emerges from the audience, create and play out a story. In line with the main principles of this model proposed by Moreno, we revisit his proposal and the work of his contemporaneous while we reflect about the method's ability to transform people's lives.

Introdução

O que significa, então, dizer que o palco não é uma fronteira entre actores e Plateia?

¹ Comunicação apresentada no Colóquio Internacional «What is our life? A play of Passion» – Lugares do palco: espaços da cidade» 1,2 de Junho de 2007. Faculdade de Letras do Porto.

² Endereço para contacto: mfavero@ismai.pt

Começamos por abordar o título, porque aqui reside a essência do Teatro Espontâneo – o público não é mero espectador de um espectáculo previamente criado. Se pensarmos no papel activo que a plateia de um teatro já possui, aqui a plateia é ainda mais protagonista do espectáculo. Dentro desta perspectiva surgiram várias propostas.

Abordaremos com mais detalhes os tipos de Teatro Espontâneo com os quais temos contactado mais nestes últimos anos. Desta forma, apresentaremos as principais ideias de Moisés Aguiar e Albor Vives Reñones, psicodramatistas brasileiros, e Elena Garavelli, psicodramatista Argentina, todos com elevada experiência nesta abordagem teatral.

Teatro Espontâneo: origem, características e modalidades

Os tipos de teatros que ora apresentamos têm como característica básica a improvisação.

O Teatro Espontâneo tem a sua origem em Viena, no princípio do Séc. XX, com Jacob Levi Moreno (Aguiar, 1998; Espina-Barrio, 1995; Fonseca, 1980, Fox, 1987; Gonçalves, Wolff & Almeida, 1988; Marineau, 1989; Moreno, 1978) e no Playback Theatre (cujas características descreveremos mais adiante), criado por Jonathan Fox e Jo Salas, em 1975, em Mid-Hudson Valley em Nova Iorque (Reñones, 2000).

A proposta inicial de Moreno era a de extinguir as fronteiras entre público, actores e encenadores, de tal forma que as pessoas se comprometessem com uma participação activa na produção do espectáculo. Um teatro de todos para todos, querendo com isto dizer que as pessoas podiam assumir o protagonismo no teatro e na vida (Garavelli, 2003). Defendia que o teatro espontâneo é o oposto das obras de arte consagradas, que são *conservas culturais* e que deixam o homem comum condenado à passividade e à admiração dos génios, que são sempre os outros (Fonseca, 1980; Moreno, 1978). Moreno dizia que somos génios em potencial e, por isso, as nossas histórias quotidianas são de tal forma interessantes que merecem ser postas em cena.

Jacob Levi Moreno, que era médico, descobriu as funções terapêuticas do Teatro da Espontaneidade. Abandonou, em parte, este projecto e investiu nas características terapêuticas do teatro, criando uma teoria e um método de trabalho a que chamou Psicodrama. Toda a linguagem do Psicodrama é «emprestada» pelo teatro. Mas psicodrama não é uma forma de teatro. O Psicodrama é um método terapêutico, que inclui o teatro espontâneo, sendo, neste caso, uma das técnicas de terapia disponíveis.

Para começar, procura-se uma cena de conflito que é a porta de entrada da história pessoal do protagonista que terá a possibilidade de voltar ao *status nascendi* deste comportamento e, a partir deste lugar, modificá-la. No Teatro Espontâneo procura-se a transformação num caminho mais próximo da arte. Um caminho onde o gozo estético do que se produz ocupa um lugar de protagonismo. Por isso Garavelli (2003) enfatiza: «dizemos *Função* de Teatro Espontâneo e *Sessão* de Psicodrama» (p. 42). No modelo original proposto por Moreno, a que Aguiar (1998) chama *matricial*, o narrador interpreta o seu próprio papel ou um dos papéis do seu relato. Veremos, em seguida, que no formato do Playback Theatre o narrador não participa da sua própria cena.

Moisés Aguiar, psicodramatista brasileiro, pioneiro no trabalho com Teatro Espontâneo no Brasil, considera que o que a seguir se descreve são modalidades do Teatro Espontâneo (Aguiar, 1998). Observamos, no entanto, que alguns autores utilizam a mesma terminologia para descrever a sua metodologia de teatro, mas que se afastam do Teatro Espontâneo *matricial*. Garavelli (2003), por exemplo, chama ao seu modelo Teatro Espontâneo, mas aproxima-o mais do Playback Theatre. Esta opção deve-se a uma questão de ordem prática, pois os criadores do Playback Theatre registaram a marca impedindo, assim, que outros seguidores utilizassem o mesmo nome (Aguiar, 1998).

Segundo Aguiar (1998), a condição para ser classificado como Teatro Espontâneo é que se tome o material em bruto, trazido pelo outro, reconhecendo nele a preciosidade que lhe é inerente, preparando-o e transformando-o num produto teatral de primeira linha. O que diferencia o Teatro Espontâneo *matricial* de outras formas de Teatro Espontâneo é que no primeiro os narradores da história co-constroem a cena e são protagonistas das suas cenas; nos outros modelos, uma ou várias pessoas narram histórias que são representadas por actores que formam a trupe.

O Playback Theatre ou Teatro Playback

Esta modalidade de Teatro Espontâneo foi criada por Jonathan Fox e Jo Salas, em 1975, sem conhecer o trabalho de Moreno com o Teatro Espontâneo. É uma forma de contar histórias, não de modo convencional, mas dramaticamente. O narrador traz a história que é representada pelos actores ou por outros membros da plateia. As várias histórias são representadas imediatamente após serem narradas. Desta forma, vai-se criando um encadeamento de histórias que, segundo Aruguete (2006), se opõem à instrumentalização dos vínculos, onde a relação com o outro vale pelo que representa, pelo lugar social e pela eficácia das suas influências, mais

do que pelo que é. O papel dos actores, dos protagonistas e do público complementam-se, sendo que há *um* que conta a sua história, *um outro* que a representa e a devolve enriquecida em múltiplas versões, e *um terceiro* que assiste a ambos. Oferece um «ângulo original para transitar as suas cenas: o lugar do espelho» (Garavelli, 2003, p.21).

Actualmente existe uma rede internacional de Teatro Playback, que reúne várias Companhias de Teatro Espontâneo de todo o mundo.

A *Companhia de Teatro Espontâneo El Pasaje*, que já referimos, foi fundada em 1992 pela psicodramatista argentina Elena Garavelli. Esta «encenadora» defende que uma Companhia ou Trupe deve ser cuidadosamente trabalhada nas suas relações internas. Não pode ser só um grupo treinado em recursos cénicos propriamente ditos, mas é uma espécie de esponja que capta a subjectividade que circula no grupo no momento da apresentação ou *función*, como lhe chama Garavelli. Segunda a autora, o corpo teatral deve ser suficientemente preparado para que possa servir de «véículo à criação colectiva». A *Función* obedece a alguns procedimentos e a um ritual. Apresentam-se num cenário com duas cadeiras vazias à espera da história que vai ser contada, vários objectos de caracterização e figurino, os actores sentados num banco, os músicos que brindam o público com fundo musical. Garavelli (2003) considera que o Teatro Espontâneo nos oferece a possibilidade de nos transformarmos em dramaturgos, de escrevermos com a memória e com a voz uma obra que, assim, será única. Para ilustrar esta «não repetição» da obra serve-se de um ritual que consiste em acender, no início da representação, três velas de três candelabros. O encenador acende a primeira, um actor a segunda e uma pessoa do público a terceira. Como uma vela que se acende e se derrete, também a apresentação será única e irrepitível. «A função acender-se-á como uma vela e derreter-se-á dando a luz a velhas e novas histórias, sonhos já esquecidos. Tal como com a vela, o que acontece nesta representação tem que ser iluminado e bem cuidado para que não se apague» (Garavelli, 2003, p.16). Simboliza várias coisas, entre elas a criatividade, que deve surgir deste todo que compõe aquele evento (Albor, 2000).

Teatro da Criação

A Truperempstórias, grupo de Teatro Espontâneo brasileiro, uniu as ideias do teatro espontâneo *matricial* e do Playback Theatre e criou o Teatro da Criação, onde as histórias trazidas pelo narrador ou narradores podem ser ampliadas, transformadas e modificadas. Nesta abordagem, mais do que ouvir o narrador é pedir aos actores que repitam cenicamente a narrativa. Uma história pode ser encenada com outras possibilidades,

outros ângulos. Vêm-se outras histórias naquela que o narrador trouxe pela primeira vez.

Resumindo: no Teatro Espontâneo «matricial», o protagonista é o que traz o conflito, a cena a ser representada; no Playback Theater, a história contada é representada exactamente como é narrada e no Teatro da Criação o material trazido pelo narrador é a base para um trabalho artístico de criação de encenador, actores e músicos. Como já referimos anteriormente, a palavra-chave que os une é *improvisação*. Por outro lado, Albor Reñones (2000) chama a atenção para uma questão ética importante: o contrato feito com o narrador deve ser mantido até o fim.

Referências bibliográficas

- Aguiar, M. (1998). *Teatro espontâneo e psicodrama*. S. Paulo: Ágora.
- Aruguete, G. (2006). *Teatro espontâneo y proceso terapéutico*. Consultado em 25 de Maio de 2007, através de www.practicasgrupales.com.ar
- Espina Barrio, J. A. (1995). *Psicodrama: Nacimiento y desarrollo*. Salamanca: Amarú.
- Fonseca, J. S. (1980). *Psicodrama da loucura: correlações entre Buber e Moreno*. São Paulo: Ágora.
- Fox, J. (1987). *O Essencial de Moreno*. São Paulo: Ágora
- Garavelli, M. E (2003). *Odisea en la escena: teatro espontâneo*. Córdoba: Brujas.
- Gonçalves, C. S.; Wolff, J. R. & Almeida, W. C. (1988). *Lições de Psicodrama: introdução ao pensamento Moreniano*. São Paulo: Ágora.
- Marineau, R. F. (1989). *Jacob Levy Moreno 1889-1994: father of psychodrama, sociometry, and group psychotherapy*. Londres: Tavistock – Routledge.
- Moreno, J. L. (1978). *Psicodrama*. São Paulo: Cultrix
- Reñones, A.V. (2000). *Do playback theatre ao teatro de criação*. S. Paulo: Ágora.

